

Conclusão

As implicações do debate exposto neste trabalho para o campo da Psicologia são inúmeras. Isso porque a Psicologia está, desde a modernidade, inserida em um espaço inaugurado pelo pensamento cartesiano, intensamente marcado pela visão objetivista de realidade e representacional de linguagem. A partir desta inserção na lógica cartesiana, a Psicologia buscou projetar-se enquanto saber independente da Filosofia e da Física. Contudo, sua constituição enquanto ciência tem sido profundamente marcada por confusões conceituais, como explica Wittgenstein:

Não se deve explicar a confusão e o vazio da psicologia alegando ser ela uma “ciência jovem”; o seu estado não pode, por exemplo, ser comparado com o estado da física nos seus primórdios. (...) Na psicologia existem, a saber, métodos experimentais e confusão conceitual. A existência do método experimental nos faz crer que teríamos os meios para nos livrarmos dos problemas que nos inquietam; embora problema e método passem, um pelo outro, desaprumados (IF, p.297).

A partir desta breve citação, podemos extrair algumas contribuições de Wittgenstein para a constituição da psicologia. Primeiramente, devemos atentar para a predominância da visão objetivista de realidade e representacional de linguagem, que se faz presente nos estudos da psicologia, principalmente em temas como o da consciência. Através da adoção de um materialismo biológico, os estudiosos recorrem ao cérebro para explicar a consciência, como proposto a partir da teoria darwiniana. Esta é uma clara tentativa de superar o dualismo cartesiano, e tem sido julgada como bem sucedida pelos neurocientistas e filósofos examinados neste trabalho. Isto porque eles avaliam ter superado a imaterialidade da mente, como havia sido proposto por Descartes. De fato, a mente foi materializada nas atuais teorias neurocientíficas e a ideia de algo imaterial foi simplesmente rejeitada, mas isto não significa que os impasses deixados pelo pensamento cartesiano tenham sido superados. Afirmar uma consciência puramente material não refuta a lógica cartesiana, pois continua a buscar uma essência fundamental da consciência. Isto ocorre pelo fato deles acreditarem que exista uma realidade em si, que devem descobrir com suas

pesquisas. Esta crença está profundamente arraigada na herança filosófica deixada por Descartes. Se analisarmos minuciosamente a obra cartesiana, notaremos que não é tanto o espírito ou o cogito, mas sim o próprio indivíduo que é afirmado enquanto unidade básica e natural do mundo. Portanto, quando os neurocientistas e filósofos adotam uma visão totalmente naturalizada de ser humano, sobretudo de características tais como consciência, razão e linguagem, eles vinculam-se ao legado da teoria cartesiana. Isto porque o dualismo proposto por ele não é apenas uma teoria sobre o ser humano, é uma lógica acerca da composição do mundo: a mente no corpo, o indivíduo na sociedade, o externo oposto ao interno, o adquirido em oposição ao inato.

O caminho para livrar-se dos embaraços conceituais advindos da visão objetivista de realidade e representacional de linguagem é a adoção de uma visão radicalmente oposta de realidade e linguagem. É a partir da visão construtivista e pragmática que podemos dissolver a confusão sobre o conceito de consciência. Isto porque, ao adotarmos esta visão, não fará mais sentido investigar a essência dos processos mentais, nos levando a abandonar qualquer pretensão de conhecer verdades absolutas sobre a consciência. Assim, deixaríamos as tentativas de descrever a consciência, nos levando a uma investigação dos diferentes usos sociais do conceito. A linguagem, entendida como prática social, passa a ocupar um papel central na formação dos conceitos. Ela desempenha uma tarefa maior que a mera designação das coisas. Isto porque nomear os objetos do mundo é apenas uma das funções da linguagem.

As tentativas ensaiadas nas obras de Crick, Searle e Edelman, seguem, apesar das afirmações contrárias dos próprios autores, a lógica do discurso cartesiano, adotando assim uma visão objetivista de realidade, na qual a consciência é uma propriedade do cérebro, e este último se equivaleria à ideia de indivíduo. Ao afirmar isto, as três teorias estudadas operam uma naturalização do sujeito. Apesar disto, cada autor apresenta argumentos particulares a sua teoria, o que proporciona um grau distinto de vinculação às diferentes visões de realidade e linguagem.

A teoria de Crick é, decididamente, a com maior vinculação a visão objetivista de realidade. Sua compreensão da consciência limita-se a tentar correlacionar disparos neuronais com estados psicológicos. Para ele, toda teoria

sobre a consciência deve ser uma construção científica, e a atual terminologia usada para estudar este tema deve ser substituído por uma nomenclatura mais precisa. Isto porque, ele crê que a linguagem é apenas um instrumento secundário para conhecer o mundo, podendo ser aperfeiçoada a partir de nosso conhecimento sobre a realidade. Neste sentido, ela é apenas algo que designa a materialidade do mundo. Por estes motivos, a teoria sobre a consciência de Crick é a que mais radicalmente adota a visão objetivista de realidade e representacional de linguagem.

A pesquisa empreendida por Searle é mais elaborada em termos filosóficos, mas nem por isso escapa aos erros conceituais. Apesar da busca por uma teoria sobre a consciência que fuja completamente das ideias cartesianas, Searle acaba por utilizá-las diversas vezes em sua obra. Ele afirma que a consciência é uma propriedade do cérebro, mesmo não reduzindo um ao outro. Por outro lado, enfatiza a natureza qualitativa da experiência consciente, postulando uma ciência, que um dia será capaz de estudar os estados objetivos e subjetivos. O que passa despercebido em suas análises é que a lógica cartesiana vai além de uma simples imaterialidade da consciência, chegando ao ponto de cindir nossa compreensão sobre o mundo, separando sujeito de objeto, interno de externo, adquirido de inato. Ao negligenciar a abrangência destas ideias, Searle acaba por adota-las, mesmo quando tenta combatê-la.

A teoria elaborada por Edelman ocupa uma posição limítrofe, pois se vincula, em certos momentos, a uma das visões de realidade e linguagem. A importância da linguagem para a constituição da consciência de ordem superior certamente é a ideia de Edelman que mais se aproxima de uma visão construtivista. Outra questão interessante é o reconhecimento da experiência cotidiana como formadora do nosso pensamento. O desenvolvimento pela experiência, como proposto por Edelman, expande a formação do pensamento humana para além da caixa craniana, dando a ele uma constituição mais ordinária e prática. Apesar disto, Edelman é categórico ao adotar uma visão objetivista de realidade, pois acredita estarem presentes no organismo humano as causas necessárias e suficientes para se compreender a consciência. A crença de que as pesquisas científicas, e experimentais, sejam capazes de dar conta daquilo que se constitui particularmente como humano, como a consciência, por exemplo,

repousa no entendimento de que o mundo exista enquanto algo objetivo, e que nosso dever é descobrir estas essências.

Um dado a ser ressaltado é a adoção irrefletida, pelos três autores estudados, de valores típicos de nossa época, que são usados para definir o funcionamento do cérebro e da consciência. Assim como Descartes incorporou os conhecimentos de sua época (mecânica, fisiologia e geometria) para estudar a mente humana, as teorias aqui examinadas também se mostraram permeadas por valores contemporâneos, com autonomia, liberdade, individualidade e adaptabilidade. Estes aparecem transvestidos dos aspectos neurobiológicas da consciência.

A crítica construída por Wittgenstein a esta teoria volta-se aos pontos básicos que foram analisados nas obras de Crick, Searle e Edelman – os pressupostos, os métodos e os conceitos de consciência. Primeiro, devemos entender que “a própria linguagem é veículo do pensamento” (IF § 329) rejeitando assim o papel secundário dado à linguagem pela visão objetivista e representacional. Em segundo lugar, não podemos estabelecer relações de causa e efeito entre os fenômenos neuronais e predicativos psicológicos, isto porque não existe uma cadeia de razão capaz de explicar esta relação (IF § 326), pois os acontecimentos, físicos e psicológicos, possuem uma gramática diferente. Simplesmente é tão ilógico como somar “cinco pessoas” com “três pedras” e esperar que haja um resultado aceitável.

A partir das contribuições do “segundo” Wittgenstein podemos compreender o caráter construtivista da realidade e pragmático da linguagem, que inscreverá a história, a cultura, o corpo e o funcionamento do mundo físico como fatores que realmente moldam o pensamento de qualquer pessoa. Mas que são, contudo, assuntos públicos, aprendidos através de regras sociais. Podermos afirmar que “os seres humanos estão amarrados em teias que eles mesmos tecem” (Geertz, 2008, p. 34), e que a linguagem é um fio fundamental.

Ao analisar o uso do conceito de consciência na linguagem cotidiana, podemos esclarecer as confusões conceituais presentes na psicologia, na medida em que, como afirmou Wittgenstein, é na linguagem cotidiana que os conceitos encontram o seu “lar original” (IF § 134). Quando um conceito é “importado” da linguagem ordinária para a linguagem científica, ele traz consigo uma carga de conotações, muitas das quais passam despercebidas no uso supostamente técnico.

As concepções de cérebro são sempre produto do seu tempo, por mais que todas elas pareçam inscritas em uma suposta natureza do ser humano, assentadas em uma fisiologia imutável. Talvez, como afirma Geertz (2008), não faça sentido perguntar quem nasceu primeiro, o córtex frontal ou a cultura com a nossa capacidade de simbolização; mas parece fazer sentido afirmar que as representações do cérebro – mais ou menos próximas ao discurso científico –, essas sim, são devedoras do sistema simbólico no qual estão inseridas.

A psicologização da vida cotidiana hoje é substituída por uma neurologização de nossos hábitos e costumes. É claro que, no caso dos discursos sobre o cérebro que atravessam o dia a dia, existe uma óbvia tendência a um determinismo biológico, ou melhor, um determinismo neurológico, no qual o cérebro é identificado como fonte de individualidade.

A perspectiva que devemos adotar é considerar que nossas formas de vida não são acessórias da atividade mental, mas são ingredientes indispensáveis. Geertz argumenta, de maneira brilhante, como o cérebro humano e a cultura evoluíram sincronicamente. A ideia é que o sentido é socialmente construído, e passa a existir dentro dos jogos de linguagem das comunidades discursivas, surgindo dentro de interações sociais concretas. O significado das palavras é dado “na praça pública” e não dentro da cabeça das pessoas. Por este motivo, devemos rejeitar as instâncias ditas como naturais ou essenciais ao homem, como a consciência. O que nos impede de rejeitar a pretensão de conhecer a essência dos objetos é a enganosa ideia de que a diversidade é superficial e a universalidade é profunda.

Contudo, um estudo sobre o ser humano não deve temer o mundo como campo de diferenças, nem as diversas formas de vida como formadoras de diferentes jogos de linguagem e modos de pensamento, mas entender as multiplicidades da realidade como inevitáveis e inerentes às diversas sociedades. E isto tem um impacto direto sobre o estudo da consciência, já que todas estas contribuições sobre o tema não tem a obrigação de convergir para um ponto Omega. O melhor proveito, na verdade, seria colher o fruto desta incorrigível diversidade, já que uma visão panorâmica sobre o tema nos mostrará como diferentes culturas e modos de vida entendem, vivenciam e experimentam isto que chamamos de consciência.

Isto implicaria para a Psicologia o abandono do ideal de autopurificação, isto é, de uma meta para se buscar a aproximação mais estreita possível entre o conhecimento e a realidade (Rorty, 1982). A consequência desta renúncia seria o enfraquecimento de posições filosóficas como o racionalismo, o empirismo, o positivismo, o mentalismo, o materialismo e o idealismo, que são responsáveis por certa confusão conceitual na Psicologia. (Hacker, 2010). Outro efeito é a necessidade de repensar tanto a estrutura epistemológica quanto metodológica da Psicologia, minando o solipsismo, e trazendo as palavras de volta da metafísica para o uso ordinário e cotidiano. Em resumo, uma operação de “despsicologização” dos termos psicológicos, dando-lhes contornos mais pragmáticos.

O campo da Psicologia deve rejeitar a atual concepção objetivista de consciência, que tem se estruturado como uma verdadeira teoria que se propõe a explicar tudo. Sua pretensão à universalização e naturalização do homem, do social e da cultura, reduz tudo ao cérebro e contribui muito pouco para a compreensão da vida humana como um todo. O que ocorre é um recorte do ser humano em partes menores e depois, atribui-se a uma destas partes (o cérebro) o significado e o sentido de todas as outras. Esta operação acaba sendo redundante exatamente por repetir antigas concepções sobre o homem, sedimentando velhos conceitos. Talvez o melhor caminho para a Psicologia seja ir para as ruas, para as praças públicas, observando como os homens vivem e utilizam sua linguagem no cotidiano. A postura de esperar que saia dos laboratórios respostas completas sobre o ser humano é ilusória, pois esta é apenas uma parte da dimensão da vida humana. A psicologia deve rejeitar a adoção do modelo científico positivista como única forma de conhecimento do mundo.

Esta posição se fundamenta na crença que o avanço da psicologia enquanto ciência se dará pela adoção de métodos semelhantes aos usados pelas ciências naturais. Apesar do fascínio causado pelas realizações da neurobiologia e sua retórica de verdade; as ciências humanas, onde a psicologia deve se encontrar, não devem adotar o método científico positivista de conhecimento do mundo, pois seu objeto de estudo é de outra natureza. Isto nos desobriga a termos a mesma precisão e a clareza experimental. Devemos possuir, sim, um rigor conceitual. Adotar o método das ciências naturais para o estudo do ser humano apenas nos

aprisionará em antigas posturas conceituais, onde tudo é fixo, estruturado e verdadeiro, pois se remete a essências e à universalidade.

A consequência do tratamento wittgensteiniano dado à questão da consciência nos leva a adotarmos uma posição construtivista de realidade e pragmática de linguagem, negando as verdades paroquiais presentes na filosofia, neurociência e psicologia. O maior desafio proposto por este tipo de pensamento é a abertura para o campo das múltiplas formas de existir e estar no mundo, deixando aparte garantias ilusórias proporcionadas por uma visão errônea de realidade e linguagem. Como nos lembra Geertz “se quiséssemos verdades caseiras, deveríamos ter ficado em casa” (2001, p. 67).